

## A RESPOSTA

José Fernandes Filho

Desembargador aposentado do TJMG

Valerá a pena renovar a pergunta, teimosa, recorrente? Mil vezes reiterada, continua sem resposta, mudez que agride e castiga. Pergunte-se. Perguntem-se os demais. Todos terão um arremedo de resposta, que frustra, antes de tranquilizar. Acicatando a consciência, a perplexidade grita, protesta.

Veja o exemplo. Concreto, longe de devaneio de escriba, realidade intrigante, a roubar o sono.

Casado com a mansidão, dois adolescente saudáveis deu-lhe a suave oriental. Economias acabadas, casa não concluída, mas já bonita, edificada entre campos e flores. Sol em abundância, pista para caminhadas, ruas cercadas de verde. Quaresmeiras, muitas, ao longo das amplas avenidas do condomínio. Silêncio. Paz, que mulher e filhos sabem curtir; ele, mais. Pássaros silvestres acordando os moradores, agradecidos. Sabedoria, erudição, simplicidade. Cultor de várias línguas, inclusive o mandarim. Independência, dignidade. Promovido; quase ao final da carreira. Excelente biblioteca, à inquietação intelectual. Orgulho da família, que o reverencia. Feliz, realizado, ambições e expectativas bem dosadas. Modesto, reservado, jamais cortejou o poder. Não conheceu tabaco, nem bebidas alcoólicas. Noitadas, somente aos pés do Santíssimo. Enfim, um varão justo, entregue ao trabalho, a Deus e à família.

Ilustrados parentes, próximos ou remotos, todos saúde de ferro, alguns nonagenários. Nenhuma doença grave na tribo, numerosa.

Aparece-lhe um carcinoma, justificada preocupação de seu médico, também meu. Esperançoso, aguarda reação do paciente especial. Exames em centros de oncologia mais avançados, lâminas investigadas por renomados especialistas. Emagreceu. Semelhança de beneditino, gestos moderados. Ora, confia, pede. Vai à comarca de ônibus, zelo e respeito ao jurisdicionado, amor aos despossuídos. Tudo a cobrar-lhe presença, pastor que não se afasta de suas ovelhas.

Católicos, estamos revivendo a Paixão. Ontem, quinta-feira, segredou: a figura da morte o espreitava. Dores intensas, outros órgãos do debilitado corpo a clamarem por socorro. Respondi: roxas hoje, as quaresmeiras amanhã serão lilases; talvez brancas. Continuei: mais forte do que a doença, você a superará. Conclusivo, implorei: permita-me carregar parte do madeiro. Emocionou-se.

No dia seguinte, sexta-feira, paixão, ou ressurreição antecipada, sorriu. Significativa melhora, à suspensão de um medicamento. Chegou a

fazer pequena caminhada, as dores diminuíram. Luz, novamente? Quaresmeira de flores brancas?

Como entender o mistério? Alguém obterá a resposta, buscada por todos? Ou, impenetrável, não será desvendado? Testemunho, vida edificante, cidadania exemplar, nada vale na estranha contabilidade lá de cima? Por que ele, moço ainda, submetido cedo à prova tão pesada? Esposa, filhos, livros, piano, passarinhos, quem entenderá o que está ocorrendo? Fragilidade do ser humano ou parte da travessia predeterminada?

Mistério. Cada um com o seu, todos entranhados nele, a envolver-nos, mortais indefesos.

Termino como comecei: não adianta buscar a resposta. A existir, estará tão distante que homem algum a alcançará.

Indagado, respondeu-me seu médico, cientista da solidariedade: a causa pode estar no seu reconhecido amor ao próximo; a preocupação com os outros o consome.

Santidade? Esta, a resposta?

Belo Horizonte, 22 de abril de 2011.

*(Texto sobre Geraldo Luiz de Castro Nogueira, ex-Juiz da Comarca de Matozinhos, falecido em 18 de maio último.)*